



Emancipação de mulheres por meio de práticas agroecológicas *Emancipation of women by means of agroecological practices*

BERTICELLI, Grasielle¹; DEBONI, Tarita Cira¹; MOHR, Naira Estela Roesler¹;
PULGA Vanderleia Laodete².

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, grasielleberticelli@gmail.com; tarita.deboni@uffs.edu.br; nairamohr@uffs.edu.br; ²Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Passo Fundo, vanderleia.pulga@uffs.edu.br.

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O estudo aborda a temática da emancipação de mulheres por meio de práticas agroecológicas. Tem como objetivos: a) denunciar o mecanismo destrutivo do modelo convencional de agricultura proveniente da Revolução Verde, que produz e reproduz exploração e desigualdades; b) validar a Agroecologia como caminho emancipatório feminino e de luta contra o modelo do Agronegócio, com base em experiências reais de conquista da autonomia; c) apontar o Feminismo Camponês Popular como movimento e debate fundamental a ser feito para o empoderamento das mulheres do campo. Como metodologia, foram entrevistadas cinco mulheres de municípios das regiões norte e noroeste do RS, ligadas a entidades engajadas na construção da autonomia das mulheres e da Agroecologia, sendo três do Movimento de Atingidos/as por Barragens – MAB, de Alecrim, uma do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC, de Charrua e uma da Rede Ecológica de Agroecologia, de Severiano de Almeida. Dentre os principais resultados obtidos, estão a melhora na qualidade de vida e na saúde das famílias, a construção da soberania alimentar e de diversas formas de emancipação, como nas relações de gênero, política, econômica, deliberativa, nutricional. Nesse contexto, a Agroecologia, que só é possível aliada ao feminismo e à luta social, se apresenta como uma importante ferramenta de contraposição ao Agronegócio e um caminho de emancipação para as mulheres, por possibilitar o despertar de consciência e a construção da autonomia, em suas diversas formas.

Palavras-chave: Agroecologia; Agronegócio; Mulheres; Emancipação; Feminismo.

Keywords: Agroecology; Agribusiness; Women; Emancipation; Feminism.

Introdução

O presente trabalho tem como tema central a emancipação das mulheres do campo por meio de práticas agrícolas de base agroecológica. Para tanto, buscou-se trabalhar com mulheres do Movimento de Atingidos/as por Barragens – MAB, Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e Rede Ecológica de Agroecologia. Na concepção do Movimento de Mulheres Camponesas (CINELLI e SANTOS, 2015, p. 67): “A Agroecologia constitui-se em uma ferramenta estratégica de resistência das camponesas [...] incorporando um novo modo de vida, baseado na construção de novas relações de gênero entre homens e mulheres e desses com a natureza [...]”.

A realização da pesquisa proposta se justifica pela escassez de trabalhos documentados que abordem a temática de gênero e Agroecologia, tendo em vista a grande dependência sofrida pelas mulheres do campo em relação às figuras



masculinas, seja de ordem econômica, patrimonial, produtiva, organizativa e deliberativa, quanto aos assuntos da unidade de produção agrícola e na luta social. De acordo com Irene León (2003, p. 218 apud COLLET; CIMA, p. 40) apenas 1% das mulheres agricultoras possuem a propriedade da terra, escancarando a realidade da desigualdade de gênero, que resulta na privação da autonomia feminina, nas diversas esferas citadas anteriormente. O problema identificado e para o qual procurou-se uma explicação e possíveis soluções é o de como construir caminhos de libertação do sistema capitalista e patriarcal, produtor e reprodutor de mazelas na vida das mulheres, tendo em vista que o modelo convencional agroexportador de agricultura, expresso no agronegócio, invisibiliza, explora, oprime e priva as mulheres agricultoras de sua autonomia.

O objetivo geral do trabalho foi discutir, com base em experiências concretas de conquista de autonomia, o caminho para a emancipação das mulheres camponesas, aliada à construção de novas relações no campo, entre pessoas e natureza. Os objetivos específicos foram: evidenciar o mecanismo destrutivo do modelo convencional de agricultura, que produz e reproduz exploração e desigualdades; validar a Agroecologia como caminho emancipatório feminino e de luta contra o modelo do Agronegócio, com base em experiências reais de conquista da autonomia; e apontar o Feminismo Camponês Popular como movimento e debate fundamental a ser feito para o empoderamento das mulheres do campo.

Metodologia

A pesquisa proposta se caracteriza como qualitativa, a partir de uma abordagem empírica, realizada por meio de entrevistas e recursos de pesquisa bibliográfica. O estudo foi conduzido por meio de articulação com o MAB, MMC e com a Rede Ecovida de Agroecologia, entidades estas que possuem atuação histórica com agricultura de base agroecológica e na luta social no campo no estado do Rio Grande do Sul. A escolha das participantes da pesquisa se deu por indicação do MAB e pela relação de proximidade com as mulheres do MMC e da Ecovida. Os municípios que fazem parte da amostra são Alecrim (3), Severiano de Almeida (1) e Charrua (1).

As entrevistas semi-estruturadas aconteceram durante o semestre 2018/2, em datas previamente marcadas de acordo com a disponibilidade das partes. Os nomes das mulheres que participaram da pesquisa foram trocados, por questões de segurança e privacidade.

As questões que orientaram o diálogo foram: Quando se deu início o trabalho com Agroecologia? Quais foram os fatores que impulsionaram a transição agroecológica? Como foi o processo de convencimento e conscientização para mudança no modo de vida e produção? Quais mudanças significativas foram e são observadas, com a Agroecologia, no agroecossistema, na saúde, na renda, na relação com companheiro/filhos/comunidade/movimento? Quais as formas de emancipação que mais se destacam nas diferentes realidades? Quais as estratégias para



convencimento da viabilidade e importância da Agroecologia? A Agroecologia e o Feminismo são caminhos para a transformação da sociedade?

Resultados e Discussão

As entrevistas foram realizadas com cinco mulheres ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro de 2018. No município de Alecrim, na fronteira noroeste do RS, participaram Carla, Verônica e Glaucia, indicadas por uma coordenadora estadual do MAB com atuação na região. No Alto Uruguai Gaúcho, foram entrevistadas Ana, de Charrua, a qual é dirigente do MMC e, no município de Severiano de Almeida, Ivete, que participa da Rede Ecovida de Agroecologia.

Quando questionadas sobre o início do trabalho com Agroecologia, são apresentadas realidades de contextos diferentes. Carla, Verônica e Glaucia relatam que sempre tiveram relação com a agricultura. Ana conta que começou a estudar e defender a proposta da Agroecologia na juventude. Ivete relata que, no ano de 2006, a família começou com a transição agroecológica.

Segundo Wanderley (2003, p. 57), as populações excluídas do processo de modernização agrícola foram forçadas ao êxodo rural – principalmente jovens – servindo de mão de obra para o capitalismo industrial urbano. Nos relatos em que houve retorno ao campo após anos de trabalho na cidade, como é o caso de Carla, Verônica e Glaucia, o motivo impulsionador foi a busca por maior qualidade de vida, com saúde e soberania alimentar, a partir dos debates feitos pelo MAB nos temas de gênero e Agroecologia. Ana e Ivete passaram por processos de transição agroecológica. Ana aponta que o fator determinante foi a consciência de que o Agronegócio é um pacote, em que as beneficiadas são as empresas ligadas ao setor. Para Ivete, o motivo central foi a saúde da família, que teve a oportunidade de mudança através do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), num processo de transição árduo e recompensador, com o retorno do filho ao campo.

Sobre as mudanças significativas observadas, um ponto frisado por todas as entrevistadas e que merece destaque é a visível melhora na saúde de todos os membros da família, assim como o processo gradual de restabelecimento do equilíbrio da natureza, com alta fertilidade do solo e multiplicação da agrobiodiversidade. As entrevistadas relatam o alívio das preocupações no contato com a terra, entretenimento no dia-a-dia, acesso a alimentação fresca e limpa e redução das compras em supermercado. A relação familiar foi afetada positivamente, pela maior interação para tocar os processos produtivos e de gestão da Unidade de Produção e Vida Familiar (UPVF). Para Ivete, as relações para fora do círculo familiar foram ampliadas, com a inserção na Rede Ecovida de Agroecologia, por meio da qual recebem e realizam a certificação participativa dos produtos orgânicos. Através do CAPA, Ecovida e Sindicato Unificado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar - Alto Uruguai (SUTRAF-AU), na qual Ivete é dirigente do coletivo de mulheres, ela e a família tiveram a oportunidade de conhecer lugares e pessoas pelo Brasil, fazer amizades e trocar saberes.



Uma dificuldade constatada nas entrevistas é a sucessão familiar, a qual está acontecendo apenas em duas das cinco famílias. Esse dado aponta para a necessidade da participação ativa da juventude em todos os processos e o acesso desta à direitos - principalmente às mulheres jovens - com sucessão familiar e políticas públicas de incentivo à produção agroecológica, o que contribui na permanência no campo.

Sobre o processo de emancipação, para Carla, a militância política foi fundamental, a qual proporciona um despertar para a realidade. Segundo Glaucia, a emancipação das indústrias químicas e alimentares é notável, pela construção da soberania alimentar e nutricional. Para Ivete, destacam-se a emancipação econômica, de conquistar e gerenciar o próprio dinheiro, e a liberdade de ir e vir, de ter uma vida política organizada e ativa. Para Ana, a Agroecologia possibilita às mulheres opinar e tomar decisões na UPVF de forma consistente, com a construção da autonomia econômica e política. É preciso levar em conta também que, para fazer agricultura nos dias de hoje, precisamos ter acesso a tecnologias e a geração de renda. Segundo Collet e Cima (2015, p. 43) o trabalho é mais penoso para as mulheres, pela dificuldade de acesso às ferramentas e tecnologias, em uma cultura patriarcal na qual as máquinas são privilégios masculinos.

Sobre as estratégias de convencimento da viabilidade da Agroecologia e no despertar de consciência entre as mulheres, Ivete salienta a necessidade que se estabeleça um movimento de aproximação, apresentando as possibilidades de estar em espaços públicos com outras mulheres, onde se sintam seguras e com direito a opinar, tendo a certeza de que não estão sozinhas, junto das companheiras. Somado a isso, é de suma importância a disseminação de experiências exitosas em Agroecologia e conquista da autonomia, por meio da aproximação entre mulheres, da troca de saberes, na construção de laços de companheirismo, junto a organizações parceiras e engajadas na construção de uma nova sociedade.

O tema do feminismo é delicado de ser abordado, considerando a geração a qual a maioria das entrevistadas pertencem, já estando aposentadas e, o contexto em que vivem, de territórios predominantemente rurais e com acesso precário à informação. Por fim, as mulheres foram questionadas se a Agroecologia e o Feminismo são caminhos para a transformação da sociedade. Verônica acredita na Agroecologia como um forte contraponto ao Agronegócio, sendo viável e proporcionando qualidade de vida. Para Ana, o que faz com que a Agroecologia e o feminismo sejam vias de transformação sociais é a prática produtiva e a concepção de sociedade. A Agroecologia é um modo de vida, um projeto de sociedade, que, aliado ao debate de gênero, classe e projeto popular vindo do Feminismo Camponês Popular, possibilita o avanço nas discussões sobre a superação do Agronegócio e do machismo. Para Ivete, com o apoio de organizações parceiras e a implementação de políticas públicas, a agricultura familiar de base agroecológica renderia muito mais frutos para toda a sociedade, fortalecendo o processo de emancipação das mulheres, para que



estas ocupem os espaços de fala e deliberação e contribuam com a transformação social.

Como problematizado por Jahn e Conte (2015, p. 31) a contínua reflexão sobre a cultura machista enraizada nas relações entre a família agricultora é fundamental para o reconhecimento do protagonismo histórico das mulheres na produção de alimentos e geração de renda. Assim, se faz necessária a luta pela manutenção de políticas públicas e ampliação destas, como formas de incentivo à organização política das mulheres.

Conclusões

A partir dos relatos observamos que o engajamento de mulheres em projetos de agroecologia em uma perspectiva de Feminismo Camponês Popular se apresenta como estratégia de contraposição ao modelo patriarcal e capitalista no campo. As mulheres entrevistadas demonstram consciência de seu papel na história e a necessidade de articulação e luta por mudanças estruturais nas relações de gênero e de classe. A Agroecologia, que só é possível aliada ao Feminismo e à luta social, se apresenta como importante ferramenta de contraposição ao Agronegócio, entendido aqui como expressão do capitalismo patriarcal no campo, e contra as diversas formas de violência promovidas por este sistema de opressão, como a psicológica, econômica, política, física, sexual, que silenciam grande parte das mulheres camponesas. Assim, é possível afirmar, sem dúvidas, que a Agroecologia é um importante caminho de emancipação para as mulheres, por possibilitar melhoras significativas na saúde das famílias de todas as entrevistadas, além do despertar de consciência e a construção da autonomia, seja ela econômica, patrimonial, política, social e nutricional.

Referências bibliográficas

CINELLI, Catiane; SANTOS, Geneci R. Módulo III: Feminismo, Agroecologia e Sustentabilidade. In: BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tânia Mara de (Org.). **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2015, v. 01, p. 67.

COLLET, Zenaide; CIMA, Justina Inês. Produção de Autossustento, quintais produtivos na agricultura familiar e camponesa. In: BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tânia Mara de (Org.). **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2015, v. 01, p. 40-43.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, 2003, p. 57.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



JAHN, Elisiane de Fátima; CONTE, Isaura Isabel. Agricultura familiar e camponesa: as questões de gênero na organização da produção. In: BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tânia Mara de (Org.). **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2015, v. 01, p. 31.